

Quinta-modelo para formar agricultores

A *Smart Farm* situada entre Alcochete e Porto Alto assenta em quatro linhas-mestras: saúde, alimentação, ambiente e biodiversidade. Como meio de formação e informação, a infraestrutura divide-se em espaço de armazenamento dos produtos fitossanitários, sua manipulação e demonstração prática da sua aplicação.

Texto . João Barbosa

A Associação Nacional da Indústria para a Proteção de Plantas (ANIPLA) colocou em prática uma nova ferramenta para ações de informação e formação acerca dos produtos fitofarmacêuticos. Trata-se de uma quinta-modelo, instalada na Companhia das Lezírias.

Inaugurada em novembro, a *Smart Farm* apresenta as condições que os agricultores devem cumprir, quanto a segurança e em cumprimento da lei. O objetivo é o de promover uma agricultura sustentável em todos os níveis de intervenção.

A *Smart Farm* situada entre Alcochete e Porto Alto assenta em quatro linhas-mestras: saúde, alimentação, ambiente e biodiversidade. Como meio de formação e informação, a infraestrutura divide-se em espaço de armazenamento dos produtos fitossanitários, sua manipulação e demonstração prática da sua aplicação.

De acordo com a ANIPLA, esta quinta-modelo “vem colmatar a necessidade de reunir, num único local, as mais recentes inovações da tecnologia e da ciência ao serviço da agricultura, num espaço para a experimentação e aprendizagem prática da implementação de boas práticas agrícolas”.

Neste momento, profissionais das empresas associadas da ANIPLA e técnicos da Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP) e da Confederação Nacional das Cooperativas Agrícola de Portugal (CONFAGRI) estão a formar os formadores, que irão trabalhar junto dos agricultores.

A divulgação das necessidades de cuidados vai passar pela ressuscitação da Família Prudêncio, que, na década de 70, em filme de animação, divulgava os preceitos que os agricultores deviam seguir na manipulação dos produtos.

A ANIPLA, que reúne empresas ligadas aos produtos fitofarmacêuticos – desde a investigação, desenvolvimento e fabrico – admite

que a experiência da *Smart Farm* possa ser replicada noutros países.

No que respeita ao armazenamento, a *Smart Farm* dispõe de quatro boxes diferenciadas, dividindo pesticidas, fungicidas, herbicidas, embalagens usadas e fertilizantes. João Pessoa, da Sapec Agro, referiu que a legislação não obriga a que os fertilizantes tenham de estar guardados com os fitofármacos, mas a ANIPLA optou pela solução por razões logísticas.



João Pessoa adiantou que todo o espaço tem áreas de contenção, para os casos de acidente com derrame. O armazém dispõe de extintor de fogos, armários para os equipamentos de proteção pessoal, kit de primeiros socorros e painel explicativo de todos os cuidados a ter e modo de atuar.

A ANIPLA colocou o local de preparação e abastecimento dos fitofármacos nas proximidades do armazém. Nada o obriga, mas a opção por uma menor distância reduz a probabilidade de hipóteses de acidente no trajeto e facilita uma mais rápida resposta.

O local para a preparação dos produtos e o abastecimento não pode ter paredes laterais, mas não obriga a que esteja coberta. Porém, a ANIPLA optou por colocar um telheiro, justificando que, ao estar ao abrigo da chuva, se diminui, em muito, as hipóte-

ses de entrada de água nos recipientes, ao mesmo tempo que reduz ou anula as escorrências – todavia, o espaço dispõe de estruturas de contenção. Menos água significa menos efluentes, referiu Avelino Balsinhas, da Bayer.

A tarefa de feitura das caldas acarreta sempre a hipótese de salpicos e derrames. Outro risco acontece durante o abastecimento dos depósitos. Assim, existe a obrigação de cuidados de proteção pessoal.

A ANIPLA sugere que o agricultor opte por sistemas de abastecimento que evitem fugas. Avelino Balsinhas adiantou que existe uma quase padronização das bocas dos depósitos e gargalos do garrafão, operando como selagem, com doseador das quantidades e autolavagem. Avelino Balsinhas salientou que várias empresas dispõem de soluções que reduzem a hipótese de fuga dos produtos.

Estas operações traduzem-se também numa menor necessidade de água para a lavagem do espaço – uma maior pressão reduz a quantidade consumida. Este local tem de dispor de espaço para colocação das embalagens vazias.

Pedro Martins, da Syngenta, salientou a exigência da gestão dos efluentes fitossanitários, havendo também diversas soluções para a desidratação dos desperdícios. Esta exigência traduz-se na diminuição das quantidades a serem, posteriormente, tratadas e no aumento da segurança.

Telmo Martinho, António Gonçalves, ambos da CAP, e Francisco Jorge, da CONFAGRI, sublinharam a importância da escolha do sistema de pulverização dos produtos fitofarmacêuticos, de modo a não afetar campos de cultura diferentes ou de agricultores vizinhos. Os técnicos realizaram demonstrações de soluções por bica, com difusores de diferentes tamanhos das gotas, e de turbina. ☺